

AROLDO MURÁ G. HAYGERT

**VOZES
DO PARANÁ**
RETRATOS DE PARANAENSES

ALEXANDRE CURI
ARY DE CHRISTAN
BENTO GARCIA JUNIOR
GLEISI HOFFMANN
GUSTAVO FRUET
IRINEO DA COSTA RODRIGUES
JAIME LERNER
JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI
LUIZ ALFREDO MALUCELLI
LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ
ELIN TALLAREK DE QUEIROZ
PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA
RAUL TROMBINI
RENÉ DOTTI
RICARDO HOEPERS, PE.
RICARDO PASQUINI
WALDO VIEIRA

2



Convivium
editora ltda.

**WILSON DE
ARAÚJO BUENO**

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

Produção editorial

Editora Esplendor
Jubal Sérgio Dohms

Revisão

Agostinho Baldin
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms
sobre layout de Clarissa Martinez Menini
(para o primeiro livro da coleção)

Arte

Carlos Augusto Rougemont
Gilberto Nunes Guerra

Fotos

01: Lina Faria
02 a 23: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;
Convivium 2009.
300p.: il.; 23 x 28cm.
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD (22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a
CONVIVIAM EDITORA LTDA.
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106
Curitiba PR
CEP 80240 001
Telefone (41) 3243 2530
contato@conviviumeditora.com



EDITORA ESPLENDOR
Rua Deputado Mário de Barros 752 -
Juvevê
Curitiba-PR
CEP 80530 280
Telefone (41) 3253 4608
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sapiente que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



Wilson de Araújo Bueno

O último baluarte dos Anos Dourados

A explicação sobre quem é nosso personagem pode estar nas próprias palavras dele: “A gente é mineiro, zeloso no caminhar, cauteloso...”

A fala mansa trai, em pitadas essenciais, esse tipo humano raro na cidade vertical e cosmopolita: vive antenado no chamado *society*, sem ser fútil, gratuito ou vazio. Vê o *society* como parte importante da sociedade abrangente, nele acertadamente localizando tipos humanos notáveis, gente notícia. Encontra em seus personagens conexões familiares e/ou de relacionamentos no mundo que, para ele, sempre foi globalizado.

E assim o é naturalmente, sem esforços, fiel às raízes, alguém que jamais negou as bases familiares e a simplicidade de sua pequena cidade natal, Ibiti, Norte do Paraná, 35 mil habitantes. É a “pasárgada” que ele mantém como *step* a que poderá recorrer e voltar, a qualquer hora. E essa simplicidade no portar-se é seu grande trunfo, passaporte para abrir portas e ganhar boas-vindas, mundo afora.

É com esse jeito cauteloso, mineiramente jeitoso, de quem fala como que apalpando palavras, que estabelece relações humanas nacionais e mundiais com facilidade. Tem comportamento de *globetrotter*, embora não seja um viajante frequente. Mas quando viaja, cria facilmente laços de amizade com gente VIP, como o fez (citando alguns casos) com a embaixatriz Laís Gouthier, Helcius Pitangui ou Glorinha Drummond e mesmo com Roberto Marinho e dona Lily Marinho, Carmen Mairink Veiga...

Para se entender o Wilson de Araújo Bueno, hoje personagem de Curitiba, cidade a que só chegou na hora de entrar para a universidade, em 1970, convida-se o leitor a um exame. Por estranho que possa parecer, sugere-se a apreensão da essência do livro-referência de Max Weber, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”. Pois Wilson é resultado, com seu pai Jordino de Araújo Bueno (já desaparecido) e Angelina de Moura Bueno (primos entre si), da ousadia do bisavô Antonio de Moura Bueno, um calvinista (e convicto, pois, dos dogmas da predestinação) profundamente comprometido com o trabalho; aquela realidade do trabalho e seus frutos que são sinais de bênçãos à espera do celeste porvir. Prosperidade gerada pelo labor intenso, nada a ver com modernas teologias ditas de “prosperidade”. Aquelas que pedem dinheiro e “garantem” riquezas, em contra-



WAB com Daisy Vilhena de Azevedo em comemoração na Sociedade Helvética.

partida.

Só relembando: em 1926, com a ampla família, incluindo filhos, netos, irmãos, sobrinhos, Antonio resolveu deixar Camanducaia, Sul do Minas, para conquistar as terras virgens de Ibiti. Comprou domínios, datas de terras, muitas, deu partes delas aos filhos, e foi cultivar o solo fértil; alguns dos seus ficaram na lavoura, outros se mudaram para o núcleo urbano que nascia, como o fez – neste caso – o pai de Wilson.

E o bisavô, dentre as primeiras providências, tratou de comprar terreno e liderar a construção do templo da Igreja Presbiteriana do Brasil, da qual nasceriam, depois, as sementes de outras denominações evangélicas locais. E nasceriam também os amplos laços de solidariedade ligando a família a tantas outras das mesma fé e ordem. Uma família pontuada pelo ecumenismo, o grande abraço com os diferentes credos.

Eram os passos iniciais, sob o signo do trabalho duro, e do temor do Senhor. Passos primeiros do braço paranaense desse ramo Bueno. Tudo obra do pioneiro Antonio, ares de profeta do Velho Testamento, que depois teria

um filho presidindo a Câmara Municipal – José de Moura Bueno, pai de dona Angelina – e toda descendência espalhada por aquela área do Norte Velho do Paraná.

Wilson de Araújo Bueno é um bom resumo daquele espírito, em que a mansidão seria temperada por persistência sem medidas. E como resultado de tal espírito, veja-se o acolhimento que o filho de Ibiti tem hoje nos segmentos mais significativos da sociedade curitibana. Para a historiadora e professora aposentada da UFPR, Beatriz Pellizzetti Lolla, “Wilson faz um trabalho de sociólogo, de antropólogo, dialogando com a sociedade”.

Lê-lo, na Gazeta do Povo e na revista TopView é um dos seguros caminhos para entender a Curitiba tradicional, distante dos arremedos “revelados” em colunáveis apenas endinheirados que procuram impor uma importância que não têm. Tal estranha fauna é alimentada por fugazes “repórteres de sociedade”, epifenômenos. Wilson é bem o contrário, é o colunista das raízes, sobre quem diz o advogado e ex-secretário de Estado Fernando Antônio Miranda, por exemplo: “Ele revela uma visão monárquica que caracteriza as continuidades



Com a mãe, Angelina de Moura Bueno, formatura em Letras Inglês/Português, pela PUC, em 1975.



Com a escritora Flora Munhoz da Rocha em tarde de autógrafos na Biblioteca Pública do Paraná. Ao lado, o amigo Marcos França.

Wilson de Araújo Bueno

históricas, principalmente das famílias.”

Um dos depoimentos mais certos sobre Wilson de Araújo Bueno e sua importância na sociedade curitibana vem do empresário Marcos Antonio Hauer, ele mesmo – com a mulher, Many – um dos representativos nomes do *society* local de alto coturno: “Para mim, ele é um dos personagens mais queridos da sociedade paranaense. É o último baluarte dos ‘anos dourados’ de nosso *society* (...) tem o perfil de que a sociedade merece e necessita, pois um colunista como Wilson contribui, e muito, para a integração e aproximação das pessoas, mostra as coisas boas da vida, facilita o despertar de novas amizades e até de casamentos e novos negócios”, assegura.

Clima essencial

Wilson nasceu em 21 de fevereiro de 1949. Em Ibaítí foi dividindo com mais quatro irmãos infância e adolescência, quase sem sobressaltos. Porque houve um que o marcou para sempre: a morte súbita, por intoxicação alimentar, do irmão César, 15 anos, que era “o mais bonito, o mais querido de todos nós”, diz Wilson.

No dia-a-dia, nenhuma outra grande surpresa, a vida foi correndo sob certezas e com amizades familiares sólidas, num universo conservador, pequeno e garantidor de segurança. Da infância, ficaram alguns marcos, como o de dividir os bancos do jardim escolar com aquela que se tornaria, nos anos 70s, num dos símbolos de mulher



WAB com a embaixatriz Guida “Lacerda Manna” Nogueira e Marta Schulmann.



Wilson com Nira “Françalacci” e o Coronel da Aeronáutica Aristógon França (segundos pais) e o pianista José Areoey de Souza.



Em vernissage, nos anos 70s: Vitorina Sagboni, Mousinho Toniolo Coelho, Luimar Lenz Cesar e WAB.

brasileira bonita, Marise Meyer Costa, “foi Miss Brasil número quatro”, lembra ele.

No mais, infância e mocidade integradas àquele *locus* interiorano, tudo fazendo parte bem composta daquela paisagem humana com os jogos de futebol, os namoricos e beijinhos furtados na praça principal da cidade, as novidades do clube social com seus bailes de final de semana, o dia-a-dia do colégio com aulas cansativas e outras, estimulantes. E não dá para esquecer o imã que eram dois cinemas, o Cine Ibaítí e o Cine Cruzeiro. O primeiro era o preferido da jovem guarda, o mais charmoso; quando foi fechado, transformou-se numa igreja fundada por um rico fazendeiro da cidade – a “Igreja do fulano de tal...” Depois, o espaço virou centro cultural.

Da tela grande, o imaginário da piazada se fortalecia com as grandes produções de Hollywood, exibições de Doris Day, Sammy Davis Jr., Marilyn Monroe, Rock Hudson, Frank Sinatra, as estrelíssimas italianas Gina Lollobrigida e Sophia Loren... às vezes, Carmen Miranda e seus trejeitos mostrados em fitas cheias de falhas, riscos, cortes de cenas. Mas era sempre a presença estimulante da “Pequena notável” na tela grande.

O amigo de infância José Rodolfo Gonçalves Leite, empresário da SLI Construtora de Obras, de Curitiba, é uma das mais seguras testemunhas daqueles tempos. Desfrutou-os ao lado de Wilson e de seus irmãos e do pessoal que com eles cresceu. Lembra de detalhes, citando o empenho da criança Wilson, uns 10 anos, atendendo no Posto de Gasolina do Jordino, da família do colunista. Wilson fazia o trabalho de frentista, polia carros, enchia pneus, fazia assentamento nos chamados

blocos de notas dos clientes mensalistas.

Esse foi o clima essencial em que amadureceu Wilson. Até que aos 19 anos, acompanhado de uma prima muito querida, com as bênçãos dos pais, muda-se para Curitiba, e resolve estudar Letras, na PUC, Português-Inglês, em que acaba se formando cinco anos depois. O vestibular foi tumultuado, difícil, teve de improvisar uma redação toda em inglês, cujo tema parecia premonitório de seus projetos: “Dream”, sonho.

Não foi bom aluno, diz, numa auto-avaliação. Foi aluno atento. E não lhe faltaram mestres, como os incomparáveis Osvaldo Arns (depois reitor da PUCPR), Otilia Arns e Leopoldo Scherner, Eurico Back.

“Quatro baluartes da língua portuguesa, de origem alemã, curiosamente”, aponta a sensibilidade do repórter.

Graduou-se, mas nunca exerceu o magistério.

Do curso sobraram linhas definitivas, importantes, como resultado do conhecimento de clássicos da literatura brasileira, de autores como Machado de Assis e José de Alencar, com leituras e exames de outros contemporâneos e suas obras, como Carlos Drummond de Andrade e a poesia sem paralelos de Cora Coralina e Adélia Prado. Ah! E como esquecer a grande Helena Kolody, vizinha de edifício, na Rua Voluntários da Pátria, espaço que dividiram por anos, ele absorvendo daquela placidez mágica da poeta do olhar fincado no infinito?

Depois, as orientações de uma colunista de VIPs internacionais, Nina Chavs – por anos atuando em “O Globo” – levaram-no a descobrir e valorizar a simplicidade fértil de um Rubem Braga. Com ele acabou entendendo

Em Paris, embaixatriz Laís Gouthier, o coiffeur e estilista José Guido, Carmen Mairink Veiga e WAB (Janeiro de 1986).



o peso do substantivo, da ordem direta das orações, o saber dizer tudo no mínimo de espaço, do adjetivo só como exceção – caminhos para ser compreendido e fazer boa comunicação escrita.

– Uma escola, enfim, foi-me esse Rubem Braga, assegura Wilson que toma outros grandes do jornalismo nacional para informar-se e aprender. Um deles, Clóvis Rossi, Danuza Leão, Celso Nascimento, colunista político da Gazeta do Povo.

Chegou a pensar no Curso de Jornalismo. A introdução ao mundo da mídia escrita foi impulsionada pela admiração que nutria – desde Ibaiti – pelo então colunista Carlos Jung, hoje empresário apenas, que se notabilizou em “O Estado do Paraná” por um colunismo pioneiro, cheio de notícias em primeira mão e alta qualidade informativa; operava um pouco na linha de Zózimo Barroso do Amaral. Era o colunismo dos *gossips* dosando os chamados *potins* de sociedade com informações de bastidores dos mundos dos negócios, das artes, da política. Fazia manchetes e ganhou acústica estadual ainda não superada na mídia impressa local. Coisa que uma madura história do Jornalismo haverá de reconhecer, um dia.

Foi essa a escola, a de Carlos Jung, que deu boas-vindas a Wilson. Aproximou-se dele num momento de incontida tietagem: numa feira, no Parque Britânia, acompanhado dos avós, reconheceu o jornalista Carlos Jung “só pelo clichê dele que encimava a coluna diária

no jornal”. Aproximou-se, apresentou-se, confessou admiração e passou a frequentar quase diariamente o escritório do jornalista, então na Rua Barão do Rio Branco. Tornou-se colaborador não remunerado.

Por quase quatro anos estava lá. Depois, enfim e ao cabo de quatro anos, e de muito mostrar serviço, foi admitido àquele mundo mágico de Carlos Jung, então o jornalista mais lido do Paraná, ao lado de Dino Almeida. Ganhou a confiança do chefe pela qualidade das notícias levadas, checadas e recheçadas antes de irem para redação final.

Simple, transparente e jeitoso, traços da mineirice herdada dos ancestrais, cedo Wilson conquistou a confiança de personalidades da vida paranaense. Uma delas, com expressão nacional, foi o banqueiro Avelino Vieira, fundador e presidente do Banco Bamerindus do Brasil, natural do Norte do Paraná (Siqueira Campos), igualmente com alma mineira.

Avelino atendia pessoalmente aos telefonemas de Wilson, passava-lhe informações de primeira mão, muitas das quais seriam, no dia seguinte, até manchetes, frequentemente tornavam-se chamadas de primeira página de “O Estado do Paraná”, jornal então de grandes influência e penetração estaduais.

– Hoje talvez eu fosse até procurar, em primeiro lugar, a assessoria de comunicação do presidente de um grande banco. Mas ousei e fui compensado com atenções e amizade do “seu” Avelino, resume Wilson.

Em recepção, anos 70, no address de Helga e Ildemar França. Na foto, Leatrice Colle, Helena Paciornik, Juril Carnasciali e WAB.



Recepção de Helga e Ildemar França: a anfitriã Helga Reichmann França, Cleusa Cornelsen e WAB.

Saber chegar de forma correta às fontes de notícias preciosas e cultivá-las foi avalista essencial para o trabalho que ligaria Wilson por muitos anos ao grupo de Jung e à revista “Quem”, publicação de qualidade gráfica e editorial não repetida no Paraná. Era revista quinzenal que privilegiava o tratamento inteligente de temas da sociedade, com abertura para outras áreas de interesse.

Depois veio a experiência, vários anos, de relatar para o resto do Paraná o que se passava na sociedade curitibana, em coluna diária na “Folha de Londrina”, até ser levado à Gazeta do Povo, em que atua, com coluna aos sábados (e alto índice de leitura), há 17 anos. Foi determinante a amizade da empresária Maria Helena Canet, junto ao comando do jornal, para que lá trabalhasse. Ela o apresentou ao presidente do grupo RPC, Francisco Cunha Pereira Filho, o paradigmático *publisher* paranaense recém-desaparecido, empertigado qual um lorde, generoso e cativante como poucos.

Respeitando as raízes

Wilson de Araújo Bueno divide com a emblemática colunista da sociedade paranaense, Jury Carnascialli,

também na Gazeta do Povo, trabalho com essas características: valorização do Paraná de alguma maneira tradicional, mas aberto à chegada de novos nomes.

Ele não veta ninguém na coluna, mas sabe que, sendo cada vez mais precioso o espaço jornalístico, há que se priorizar a linha estabelecida. E a dele é de compromisso com as raízes da família paranaense, em primeiro lugar, sem esnobismos, sem exhibições de novo-riquismos tão a gosto de certas reportagens sociais daqui e de acolá...

“Wilson escolheu o ser em lugar do ter, mas sem desprezar a ascensão social e a fortuna. Ele privilegia seus colunáveis que, na essência, têm de ser parte dessa grande conexão de homens e mulheres Brasil afora. Nessa arte, a de conectar raízes, nomes e sobrenomes, ninguém o bate na imprensa”, opina a historiadora Beatriz Pellizzetti Lolla, dona de respeitável obra, particularmente sobre a colonização italiana em Santa Catarina.

Para ela ainda, “Wilson pode ser considerado até um historiador honorário, tal a habilidade com que realça e dá vida a uma ampla fauna humana cujas raízes se entrelaçam na História do país”.

Dos testemunhos cheios de explícita amizade e admiração,



Na recepção dos 40 anos de jornalismo de Ibrahim Sued, no Copacabana Palace, com Roberto e Lily Marinho.

ração, falam dois dos colunáveis assíduos nas páginas de Wilson: Lylian Vargas, mulher de sociedade, viúva do escritor Túlio Vargas, e o médico, cirurgião plástico Antônio Luiz Francalacci França, amigo desde 1970, fiel escudeiro, com a família, do repórter social.

Lilian, um pouco sangue alemão, outra parte neta dos Tamplin, ingleses chegados a Cerro Azul no começo do século XX, não deixa por menos: “Como amigo, Wilson é de uma fidelidade única. Pode-se contar com ele. É dono de um espírito fino e sua formação de alma o faz dono de palavras evangélicas que confortam...” E completa: “ele é o repórter de uma sociedade que aceita mudanças, mas exige respeito com a tradição e não quer ver no lixo o legado de quem construiu nosso Paraná de sempre”.

O médico França, admirador incondicional da maneira de Wilson conquistar pessoas e cultivar amizades – “nisso ele é insuperável” –, o classifica de colunista ímpar: “dá à notícia as cores e as tonalidades essenciais, assim como expõe a História de seus personagens. É um povo que tem história, tem biografia... isso ele sabe valorizar”.

Ibrahim, paradigma

Quando Marcos Hauer, arguto observador do cotidiano da chamada alta sociedade, diz que Wilson de Araújo

Bueno é o derradeiro representante dos anos dourados, ele sabe o que está dizendo. Anos dourados que tiveram seu ápice, talvez, nos 1980, mas que foram sendo anunciados e registrados bem antes por notáveis do colonialismo social brasileiro. O mais expressivo deles, Ibrahim Sued, que dominou o *society* do país, do final dos anos 50s até os 80s, a partir do Rio; primeiro, como colunista do Diário de Notícias, do Rio, da família Dantas, depois nas páginas de O Globo, de Roberto Marinho, de onde se firmou pelo *glamour* que retratava uma época, o tempo da juventude dourada (*jeunesse dorée*) que ele ia descobrindo nas praias da Zona Sul, nas festas de debutantes do Copacabana Palace, nos quadros dos fechadíssimos clubes cariocas, nas partidas do aristocrático polo... Rio das grandes recepções oficiais em palácios como o Itamaraty e o das Laranjeiras; das festas de mil e uma noites das embaixadas e depois consulados, do Iate Club e do Country, das grandes famílias cariocas, como os Nabuco de Araújo, por exemplo.

Pois Wilson tanto admirava Ibrahim que acabou por conhecê-lo, ficaram amigos. Eduardo Sued, filho de Ibrahim e Glorinha D. Sued, e Wilson tornaram-se excelentes amigos. A amizade com os Sued deve ao amigo-irmão Jota Mape, colunista de Goiás.

A Glorinha ligada ao Movimento Carismático Católico não se cansa de citar Wilson Bueno como exemplo de



Nos 40 anos de jornalismo de Ibrahim Sued no Copacabana Palace: Carmem Mayrink Veiga e WAB.



Em casamento no Paraná Clube: WAB, Ivete Jung e Neusa de Mattos Leão.

vida coerente, de fé adulta, e que marca sua coluna por um versículo bíblico.

O conjunto da obra de Wilson de Araújo Bueno vai indicar outras influências positivas no seu colunismo, boa parte colhida – é o que se percebe – na leitura de mestres da área, como Marcelino de Carvalho (década de 60s, 70s), Alik Kostakis, Jacintho de Thormes, Gilberto Tromposwski (O Jornal, Rio, anos 60s), José Tavares de Miranda, Dino Almeida.

Há 17 anos na Gazeta do Povo, 35 anos fazendo colunismo social, com passagem pela Folha de Londrina, na qual trabalhou por sete anos, Wilson de Araújo Bueno é o repórter nato, formado na velha e sólida escola que supõe aprendizado ao lado de profissionais experientes.

Escrever a notícia nunca foi problema. Só teve que fazer os ajustes necessários para a linguagem jornalística.

E com a sabedoria dos bons profissionais, o mineiro de sangue e formação familiar explica como faz uma entrevista; ele que nunca aprendeu técnica de entrevista em escola que, espero, ainda exista como disciplina obrigatória em cursos de Jornalismo:

– Eu vou pelas bordas, não assustando a fonte, respei-

to suas opiniões, jamais polemizo com ela. Meu objetivo é colher boas informações, fazer a computação dos fatos, as conexões de nomes e das realidades que acabam compondo uma notícia interessante. Nunca extraio a fórceps as notícias. Apenas vou abrindo portas de diálogos, ampliando o assunto, procurando pontos para firmar o tema que está em baila. Tudo muito mansamente, sem aqodamento. E pronto: de repente, emerge a notícia, explica Wilson, a simplicidade absolutamente prática. Uma lição de correto jornalismo sem teorias complicadas e montada acertadamente fora de escola formal...

Assim, transfere segredos de um repórter competente, receitas que explicam porque é tão lido e acatado, jamais desmentido. Características de quem tem compromisso com a História, documentando cotidianos de um mundo essencial e peculiar, o chamado *haut monde*, como diria Ibrahim.

Sorry periferia... e *à demain*, como diria ainda o “Turco”, um pouco mestre desse Wilson que também faz escola. E que se comporta assim: mansamente, como que se desculpando pelo sucesso pessoal que ainda não sabe dimensionar direito.



Na comemoração do aniversário de WAB no Madalosso, em Santa Felicidade: Dino Almeida, Beatriz Séra, Lylian Vargas e o aniversariante.



O argentino Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz em 1980 e WAB em cerimônia no Palácio Iguçu, durante o governo Lerner.

Wilson, segundo alguns de seus personagens

Ninguém melhor para ajudar a delinear o perfil de Wilson de Araújo Bueno do que os personagens que, por serem a matéria-prima de seu trabalho, povoam o espaço jornalístico semanal assinado por ele. São pessoas cuja trajetória, em muitos casos, o colunista acompanha há décadas. Como ponto em comum entre os depoimentos, uma mistura de admiração e respeito despertados somente entre aqueles que compartilham valores semelhantes.

CARLOS JUNG

Garra e obstinação – Jung não se esquecerá jamais daquele rapaz franzino, com ar interiorano, adentrando sua sala. Queria uma entrevista e seu objetivo era conseguir emprego. Vinha de Ibaiti com uma determinação: ser jornalista a qualquer custo. “A imensa admiração que demonstrava pelo colunismo social criava nele tal determinação de objetivos que seria impossível ignorá-lo ou deixá-lo passar sem uma oportunidade. Afinal, tal objetividade ainda é raro encontrar entre verdadeiros vencedores”, pondera o profissional de imprensa responsável por abrir as portas da profissão ao então jovem Wilson Bueno.

Desde o primeiro dia, recorda Jung, Wilson sempre demonstrou fidelidade aos princípios e ao estilo do jornalismo que se fazia na época. Dedicado ao trabalho com entusiasmo, era um leitor permanente de tudo o que lhe caía em mãos sobre o setor em que iniciava sua profissionalização. Por isso, rapidamente aprimorou seu texto, tornou-se um excelente companheiro de trabalho de Jung e extraordinário profissional do colunismo social.

Para Jung, Wilson Bueno é um dos melhores colunistas brasileiros da atualidade. “É um orgulho ter participado do início de sua carreira”, testemunha.

WILSON MARTINS

Uma pessoa inteira - Um nome estelar do jornalismo social em nossa terra. É assim que o historiador e crítico literário Wilson Martins define o cronista social paranaense Wilson de Araújo Bueno. Para Martins, um paulista que já ocupou espaço editorial no jornal O Estado de



São Paulo e há alguns anos se fixou em Curitiba, Bueno reúne algumas das qualidades mais agradáveis de se encontrar nos amigos. “Ele se pauta pela integridade, seja no campo pessoal ou profissional”, completa.

OSVALDO EVANGELISTA DE MACEDO

Palavra pulsante - Wilson é daquelas pessoas que, segundo Macedo, têm a capacidade nata de fazer amigos de infância em cinco minutos. É o que conclui pelos seus bons amigos do Paraná, de muitas cidades do Brasil e do mundo, e nenhum inimigo. E garante: “se os tivesse, esse filho apaixonado por sua terna e sempre lembrada Ibaiti faria como Mário Quintana: eles passarão, eu passarinho”.

LUIZ ANTONIO PENTEADO SETTI

Um boa praça – Mesmo sendo um curitibano empregado, observa Setti, Wilson de Araújo Bueno ama Curiti-

ba como ninguém e prima por um profundo sentimento de amor, lealdade e honestidade para com as pessoas que aqui vivem. E conclui: “Ele é um grande boa praça. Por isso também é amado e respeitado por todos”.

JOTA MAPE

Um gentleman – Depois de 22 anos de amizade, o jornalista goiano conclui que Wilson de Araújo Bueno é “uma das pessoas mais generosas, gentis e dedicadas” que conhece. Para ele, sua coluna semanal, repleta de informação redigida com o apuro do repórter que estuda a fundo seus personagens de carne e osso, reflete muito o sacerdócio que é para ele escrever sobre sociedade.

VÂNIA E CONSTANTINO VIARO

Alma de jornalista – Para o casal de amigos, Wilson é o típico profissional de imprensa que vai fundo na busca de histórias e fatos interessantes, no caso, da sociedade

curitibana. E a explicação para isso é simples: Wilson faz isso porque gosta e sabe ouvir o que seus personagens têm a contar com verdadeira reverência, além de viver “com otimismo e energia sua fé”.

CARLOS EDUARDO ZIMMERMANN

Ponte com o presente – Para Zimmermann, o tipo de jornalismo que WAB faz extrapola os limites do colunismo social. “Por causa da regularidade com que publica seu trabalho e da credibilidade conquistada ao longo de sua rica trajetória, ele se tornou um canal de acesso também à cultura, à política e aos serviços comunitários de nosso tempo”, opina. Wilson, na visão do artista, é “um homem consciente do seu próprio tempo e que vive uma relação amorosa com sua profissão, por meio da qual demonstra seu compromisso permanente com a preservação e a difusão de nossos valores”.



Com d. Maria do Carmo de Mello, Franco Nabuco, nora do abolicionista Joaquim Nabuco, na mansão da Rua Icatú, Rio. Ao fundo, painel de Portinari.

GUSTAVO E MARIA CHRISTINA KASTRUPP

O amigo certo – O casal Kastrupp cultiva pelo menos 30 anos de um convívio marcado de boas e alegres lembranças com o colunista Wilson Bueno. “Sua amizade é uma dádiva maravilhosa que carregamos no coração”, concordam Gustavo e Maria Christina, para quem os sentimentos de respeito e admiração a torna ainda mais forte e poderosa. “Que o futuro nos reserve o mesmo calor e carinho de sua amizade”, desejam.

CONSUELO CORNELSEN

Colunista de almas – Para a amiga Consuelo Cornelisen, Wilson escreve ternamente, como se as palavras lhe fizessem festa. Daí sua facilidade em misturá-las e dar a elas sentidos novos e sempre compartilhados com os leitores, pondera. Para ela, o texto de Wilson é dirigido ao mundo social, mas as entrelinhas são acessíveis apenas às almas atentas. “Ele é, sem dúvida, um mestre da palavra”, completa.

ANA MARIA PETRUZZIELLO

Radar – O que a também colunista social e blogueira sempre admirou em Wilson é a capacidade imensa de captar as melhores informações, ainda que de uma conversa breve. Segundo Ana, são poucos os colunistas que, como ele, sabem descrever com perfeição um acontecimento social. “Os detalhes são sua especialidade”, define. “Fora isso, Wilson é o amigo leal, correto e dono de uma bondade sem fim”.

NEUZA MADALOSSO

Um homem autêntico – Uma das coisas mais marcantes em Wilson, pontua a amiga Neuza Madalosso, é a humildade que ele soube cultivar mesmo depois de ter-se tornado colunista social de renome. “O rapaz do interior, antenado com o mundo requintado e dono de um apurado sentimento social, continua vivendo dentro dele”, afirma, com a autoridade de quem conheceu Wilson ainda rapaz, na Faculdade de Letras da PUCPR.



Festa beneficente na chácara de Maria Cecília e Manoel Rosenmann: WAB, jornalista Angela de Mello e o cirurgião plástico Antonio Luiz (Tony) Francalacci França.



Em Ouro Fino, com o empresário Guto Mocelin, anos 90.

REGINA KRACIK TEIXEIRA

Gratidão e amizade – Foi pela mão de Wilson de Araújo Bueno que a jornalista Regina Kracik Teixeira se iniciou na profissão, no final dos anos setenta. Na ocasião ele trabalhava na revista Quem, de Carlos Jung, e conseguiu para Regina um espaço onde foi publicado seu primeiro texto. Daí para a frente, o que era um forte vínculo afetivo cultivado entre os avós de Regina (Haydèe e João Kracik e Hilda e Napoleão Teixeira) e seus pais Eliane e João Régis Fasbender Teixeira, transferiu-se para a jovem jornalista. É que as qualidades pessoais admiradas pelos mais velhos podiam-se ver refletidas, então, também no campo profissional. “Ele reúne as qualidades imprescindíveis em todo bom jornalista com um profundo e admirável senso humano”, resume Regina.

BELITA TEIXEIRA

Primeiro amigo – Para a gerente de negócios do In-

tercontinental Hotels Group, Belita Teixeira, Wilson de Araújo Bueno foi o primeiro amigo que fez no Brasil logo após sua chegada. Foi com o apoio de Wilson, “um grande anfitrião com o coração cheio de generosidade e sensibilidade”, que Belita aqui ficou e criou raízes. “Falar do Wilson é falar de toda uma trajetória de vida, de minha vida, e da qual ele também faz parte”, resume.

MARINA AMARAL SIMONNOT

Cultura e sensibilidade – Se fosse enumerar apenas duas qualidades de Wilson Bueno, a *socialite* carioca Marina Amaral Simonnot não hesitaria em apontar a sensibilidade e a bagagem cultural do jornalista. Para ela que, mesmo de longe, acompanha a coluna semanal de Wilson é o retrato fiel daquelas características. “É na maneira de dar a informação, inconfundível, que ele revela quem é”, diz Marina.



Na exposição de tapeçaria de Concessa Colaço, na Galeria Giovanna Bonino, em 1989, Helcíus Pitanguy, colunista Hildegard Angel e WAB.



No Palácio do Planalto, cumprimentando o ex-presidente Fernando Collor.



Com Lola de Leão Mueller e Ivete Jung.



Wilson Bueno ladeado pelo casal Gilka e Norberto Castilho.

EDILUZ VIEIRA DE GODOY

Valores sólidos – Velha amiga do colunista, Ediluz Godoy acompanha com satisfação sua trajetória. “Em todos esses anos Wilson se expandiu, cresceu, evoluiu. Só não mudou numa coisa: no caráter, na educação, no respeito e na forma sempre marcante de fazer e conservar amigos”, informa, dando pistas preciosas de como Wilson construiu o próprio espaço.

ANITA ZIPPIN

Palavra solidária – Um jornalista que escreve com o coração e imanta o leitor, como se desejasse sorte e alegria a todos. Assim é, para a advogada Anita Zippin, o colunista social Wilson de Araújo Bueno. Discreto e sensível, descreve Anita, ele participa dos acontecimentos sem jamais ser invasivo e dono de uma capacidade invejável de apreensão dos fatos. “É um ser especial que ilumina o caminho da imprensa do Paraná e, além disso, o amigo certo para o momento certo”, define.

FERNANDO MIRANDA

Pintor de textos – O advogado, cônsul do Equador em Curitiba e ex-secretário do governo estadual Fernando Miranda pensa ter uma boa explicação para a predileção do colunista Wilson de Araújo Bueno pelas artes plásticas. “Tenho a impressão de que, quando ele escreve sua coluna semanal, sente-se fazendo uma pintura e elabora com pompas esse momento”, arrisca, referindo-se às nuances impressionistas que o jornalista dá a seu texto. O hábito de fornecer tantos detalhes ao leitor, a ponto de este criar o cenário mental quase cinematográfico dos eventos narrados, está na habilidade de Wilson tanto em acumular informações quanto em saber usá-las no momento e na dose certa para dar cores a sua narrativa.

JOSÉ RODOLFO GONÇALVES LEITE

Agregador – Para o empresário e amigo de infância José Rodolfo Gonçalves Leite, a condição de agregador de pessoas é o traço mais marcante da personalidade de Wilson de Araújo Bueno. “Ele sabe enxergar qualidades em todos, indistintamente, e a rara crítica que possa dirigir a alguém tem um só objetivo: ajudar”, define Leite, que conheceu o colunista ainda menino, em Ibaiti, terra natal de ambos.

MARIA ELISA FERRAZ PACIORNIK

Graça e minúcia – Escrever sobre temas que também são de interesse social de modo gracioso e rico em detalhes são, na opinião da advogada Maria Elisa Ferraz Paciornik as características mais marcantes da personalidade de Wilson. “Ele redige de tal maneira que cativa o leitor, transformando-o também em convidado dos eventos que ele descreve com maestria. É puro talento”, resume.

GILDA E CAETANO MUNHOZ DA ROCHA

Jóia rara – O casal de amigos não tem dúvidas em apontar a integridade de caráter esculpida pela sólida formação cristã de Wilson como o traço de maior destaque em sua personalidade. “Seu modo de ser e a amizade que nos devota, no que é plenamente retribuído, é uma dádiva. Esse colunista é uma jóia rara”, atestam.

NINA CHAVS

Eterno aprendiz - Essa é, na opinião da jornalista e ícone do colunismo irreverente Nina Chavs a melhor definição para o amigo e colega Wilson de Araújo Bueno. Nina, frise-se, é uma das profissionais da área mais respeitadas e queridas por Wilson e influenciou profundamente sua decisão de se dedicar à atividade.

“Nunca vi alguém com tanta sede de aprender sempre mais para garantir dignidade a essa área nada fácil que é a nossa profissão”, diz Nina. Outra faceta toda particular de Wilson, segundo ela, é o seu firme propósito de nunca ferir as pessoas. “Ele sempre dá um jeito de desviar o foco do vestido de babado da gordinha, por mais que isso merecesse ser mencionado, para se concentrar na maquiagem que ela usava”, compara.